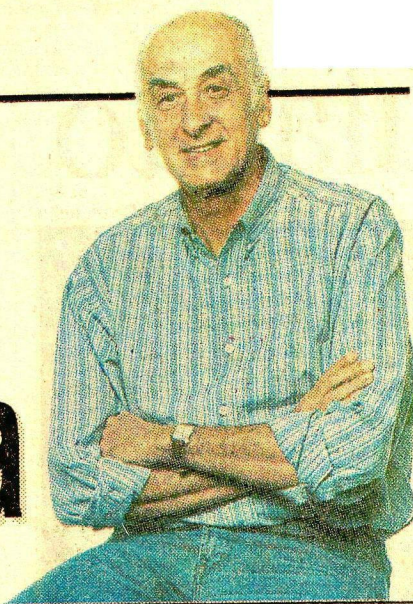


Zuenir Ventura



À sombra de dinossauros em flor

Quando se descobre que numa mesma semana pode-se ler a monumental autobiografia de Lúcio Costa, ouvir Darcy Ribeiro até a exaustão junto com Oscar Niemeyer (que o entrevistou ao lado de Antonio Callado e Antonio Houaiss, entre outros menos velhinhos), e rever *Deus e o Diabo na terra do sol*, do Glauber, chega-se à conclusão de que um país que é capaz de produzir tantos talentos assim, se não der certo não será por falta de inteligência.

Todos os dinossauros acima citados acreditam que um dia a nossa gente bronzeada vai poder mostrar o seu valor. Eles têm em comum a mania de assumir a humanidade como seu problema e de tomar para si as dores do país. Une-os a certeza de que o Brasil vale a pena.

Lúcio, Darcy e Oscar, por exemplo, somam mais de 200 anos. São três velhinhos enxutos, cabeças feitas, bravos combatentes do iluminismo e da utopia. São heranças modernas, ou melhor, modernistas, se se quiser colocá-los na categoria dos que reinventaram o seu tempo, fizeram e aconteceram, criando e recriando uma idéia de país, ensinando a ver e ajudando a pensar.

Cada um na sua área produziu uma obra que atraves-

sará o milênio. Não há dúvida de que daqui a pouco ou daqui a 100 anos, quando nós mortais estivermos esquecidos, Lúcio Costa, o urbanista, Darcy Ribeiro, o antropólogo, e Oscar Niemeyer, o arquiteto, serão lembrados e discutidos — continuarão vivos. Os três fizeram tanto por este século, que acabaram adquirindo um pouco a cara dele: de sua riqueza e contradição.

Embora tão iguais e diferentes entre si — Lúcio e Oscar no seu classicismo, Darcy no seu romantismo e Glauber no seu desvairismo — esses visionários perseguiram os caminhos utópicos no país que é considerado por Darcy, como “o fundador das utopias”, quando nada por ter inspirado Thomas Morus a escrever a sua famosa *Utopia*.

Sabe-se que nesses tempos pós-modernos a utopia saiu de moda e a história caiu em desuso. No meio da onda reformista que por si só não é ruim, mistura-se porém uma perigosa ideologia de desmonte e uma exaltação da amnésia histórica que quer ver o passado como coisa perempta e obsoleta, descartável.

A obsolescência planejada, que torna um produto antiquado ou superado antes do tempo, parece ter contaminado também a área do pensamento. Abandona-se uma idéia hoje como se abandona uma roupa que saiu de moda. A voracidade com que se consome tudo que é novo só é comparável à velocidade com que ele é produzido. O novo de hoje é o anacrônico de amanhã.

Uma das lições que nos dão esses que foram vanguardistas em seu tempo é que, apesar de revolucionários, não tentaram cancelar o passado ou suprimir a memória. Lúcio nunca deixou de reverenciar a obra do Aleijadinho, Oscar incorporou às suas arrojadas curvas as torsões do barro-

co mineiro, Darcy viveu dez anos entre os índios e Glauber foi buscar no imaginário ancestral de sua terra o material para sua obra-prima.

Eu não conseguia deixar de pensar nisso ali no escritório de Oscar Niemeyer diante de Darcy e daquela paisagem estonteante: o mar parecendo irromper pela janela a dez andares de altura, junto com um sol insolente, num daqueles dias que se dizem feitos especialmente para exportação. Na mesa, em volta de Darcy, estavam Oscar, Callado, Houaiss, Gullar, Zelito, Eric e Renato Guimarães, que vai transformar a entrevista em livro.

Na véspera eu tinha acabado de *navegar*, como se diz hoje, pelas 600 páginas de *Lucio Costa — registro de uma vivência*. Há muito o que admirar nessa autobiografia, mas por deformação profissional o que mais curti foi o texto. Aliás, tanto quanto os traços e as formas, há em

Lúcio e Oscar a sedução do texto escrito, assim como em Darcy há a sedução do texto, digamos, oral.

Lúcio foi capaz de transformar a “Memória descritiva do Plano Piloto”, de Brasília, numa obra literária que contém pelo menos um trecho antológico, um poema: “Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”.

Darcy, como se sabe, é tudo, mas além de tudo é uma espécie de genial rapsodo da cosmogonia indígena. Na quinta-feira ele falou durante cinco horas sem parar, inclusive nos intervalos em que deveria descansar. No final, fascinados e exaustos, os entrevistadores saíram com a certeza de que fora um dia histórico. Só faltou um outro velhinho, Drummond, para botar na boca do amigo Darcy a epígrafe:

“E como ficou chato ser moderno,

Agora serei eterno”.

